

**E G L O G A
PASTORIL**
DE
AMBROZIO, E JULIO,

6269

Praticando a respeito

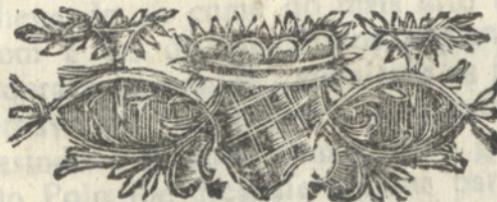
DAS GLORIAS DE PORTUGAL
no feliz, e suspirado

NASCIMENTO
DO INVICTO, AUGUSTO,
E ESCLARECIDO

PRINCIPE
DA BEIRA

NOSSO SENHOR.

Por ANTONIO JOAQUIM DE CARVALHO.



LISBOA: MDCCLXI.

Na Officina de IGNACIO NOGUEIRA XISTO.
Com todas as licenças necessarias.

EGLOGA
PASTORAL
AMBROXIO E JULIO
DVS GLOTRAS DE PORTUGAL
ASCIMENTO
DONATO, AGOSTO
E ESCALARICIO
PRINCIP
DA BEIRA
Por VINTONIO JOAQUIN DE CARVALHO



LIBRO A. MDCCXI.

Na Oficina de J. ENGRACIO NOGUEIRA XIX.
Com todos os direitos reservados.

EGLOGA PASTORIL.

JA o Sol em seu carro abrillantado,
 Por ligeiros Bucefalos puxado,
 Meio giro formava no Orizonte
 Chegando ao cume do mais alto monte.
 Com a luz de seus aureos explendores
 Dourava os prados, etmaltava as flores,
 Ornava do Hemyspherio a redondeza,
 Ferindo o prumo, sem que na grandeza
 Do Polo lhe escapase alguma parte,
 Que o Sol com todos sua luz reparte:
 No mar, n'aldeia, là no vale, ou serra
 Jà o ardente calor faz igual guerra.

O barqueiro , que o manso mar cortava ,
 Vendo que entam o vento lhe acalmava ,
 Molhava a véla , por melhor acordo
 Buscando o vento de hum em outro bordo .
 Pelo remo puxava o fragateiro ;
 Jà outro armava toldo ao passageiro .
 Na praia a lavadeira a roupa lava ,
 Outra estendia , outra já córava .
 Na venda se abrigava o caminheiro ;
 Descansava n'aldea o jornaleiro :
 A Serrana tambem , que a lan fiava
 Deixando a roca , hum pouco descansava ;
 As pastorinhas com igual empenho
 Fogem da calma , levam seu rebanho ,
 Humas a dar-lhe de beber ao rio ,
 Outras a dar-lhe pasto onde he sombrío ;
 Tira da terra o lavrador o arado
 Soltando ao pasto os bois ; e já cansado ,
 A' sombra de hum carvalho entam se asenta
 Onde com broa , e queijo se alimenta :
 De vento nem hum alito soprava ,
 Nem o rugit das plantas se escutava ;
 Sò se escuta em sonóra melodia
 Dos tenros passarinhos a armonia ,
 E da cigarra o importuno canto ,
 Que só da calma dá indicio tanto .
 Tambem se ouvia murmurar a fonte ,
 Que o cristal desperdisa monte a monte ;
 Para os vales descendo dos oiteiros
 Claras correntes , líquidos ribeiros .

Hum pastor para o Tejo encaminhava

PASTORIL.

5

O seu gado a beber, e se abrigava
A' sombra do salgueiro mais fechados;
Porém no entanto que bebia o gado,
Entoava na flauta as canulenas,
Com que as pastoras aliviam penas.
Outro debaixo estava da sobreira,
Fervendo ali na rustica caldeira
O leite das ovelhas, que guardava,
Desfazendo-lhe a broa: isto jantava:
Que tanto o faz nutrit esta pobreza,
Como ao grande os manjares da riqueza.

Mas Ambrozio, pastor bem nomeado
Entre os mais por discreto, e por honrado,
Deixando o pasto do cerrado oiteiro,
Busca a sombra de hum alto castanheiro:
Que, como seu abrigo, entam lhe presta,
Ali pasava com seu gado a cesta:
Do groceiro surram formando encosto
Nele por descansar deitava o rosto;
Descansa sem cuidado em seus cordeiros
Porque os guardavam seus fieis rafeiros.

Assim no campo a césta pasam todos
Em exercicios taes por varios modos;
Jornaleiros, Serranas, lavradores,
Eguarilhos, barqueiros, e pastores;
Huns tocavam, àlem outros comiam,
Outros nadavam, outros já dormiam.

Quando em silencio todo o campo estava,
Huma voz lá mui longe se escutava,

Que quasi impercetivel se fazia,
Porém logo melhor se percebia,
Pois no concavo monte o éco foa,
Que he voz do canto, que esta letra entôa.

Pastores, que adormecidos
Lograes o melhor tocego,
Acordai, vinde escutar-me
Novas de hum feliz suceso.

Aqui ficam já todos afustados
Entre alegria, e confuzam turbados;
O que acordado estava aplica o ouvido;
O que dorme acordava espavorido;
O que tocando está suspende a avena;
O que nadava já vestir-se ordena;
Huns escutam suspensos, outros correm,
Dizendo: que será! Mas mal discorrem;
Que a dita quando vem mais aumentada
Facilmente nam he imaginada:
Quando por fin conhecem claramente
Que era Julio pastor, que mui contente
Lá de trás d'alta serra vem sahindo
De novo o mesmo canto repetindo.

Pastores, que adormecidos
Lograes o melhor tocego,
Acordai, vinde escutar-me
Novas de hum feliz suceso.

Quaes os simples cordeiros, que perdidos,
E do abrigo das mães destituidos,

Quan-

Quando lhe escutam lá no monte os brados
 A buscas já vam mais que apresados:
 Taes, os que vem a Julio, vam correndo
 Huns aos outros, he Julio, vam dizendo;
 E assim vai qualquer deles tam ligero,
 Que nenhum dizer pôde que he primeiro:
 E quando já com ele se encontraram
 Gostozos sua vinda festejaram:
 Ambrozio chega, tudo mais se cálá,
 Comprimentá-lo vai, e assim lhe fala.

Sejas, amigo Julio, bem chegado,
 Para livrar-nos já de tal cuidado,
 Que vens da Corte, já todos sabemos
 Dize, dize que vai? que nova temos?
 Que o teu canto, a fadiga, o gosto grande
 Pronostica algum bem, que o Ceo nos mande.

Todos ficam immoveis escutando
 A noticia, que Julio vai narrando.

Principia o Pastor: Ambrozio amigo,
 E vós todos ouvi, o que vos digo;
 Se bem que o gosto faz-me tal abalo,
 Que até me impede a vós para explicá-lo;
 Mas, ouvi, se gostozos me atendeis,
 Que fui à Corte todos já sabeis,
 Só a fim de pagar fotos, e rendas
 D'atenha, do catal, e das fazendas;
 Para explicar-te, Ambrozio, o gosto immenso
 Quero tudo contar-te por extenso:

Sahi da chosa pondo-me à jornada,
 Que em tudo foi feliz , e avantajada ;
 Tanto , que em cada paso , que movia ,
 Que andava grande espaso parecia ;
 Sem sentir nisto abalo , nem cansaso ,
 Nem dos agrestes campos o embaraço :
 Das outras vezes , como tu bem vias ,
 Sempre gastava sete , ou oito dias ;
 Desta vez só gastei , sem mais demóra ,
 Quatro dias mais hora , menos hora ;
 As mais vezes de andar já tristonho hia ;
 Mas desta achava em mim tal alegria ,
 E tanto n'alma o gosto se entranhava
 Que eu mesmo só comigo me admirava ,
 Porque as bonansas , que se me ofreciam
 Mais que naturaes serem pareciam ;
 Isto me pareceo , sem desacerto ,
 Anuncio bom , que logo achei bem certo .
 Na Corte entrei involto em gosto tanto ;
 Era a tempo , em que a noite com seu manto
 De sombras cobre o dia , e murcha as flores ,
 Reduzindo a huma cor todas as cores ;
 Porém naquela em vez de escuridade
 Tudo eram luzes , tudo claridade ,
 Pois tudo se adornava em fórmas varias
 Das mais aparatozas luminarias .
 No régio templo , no palacio nobre ,
 Na morada opulenta , ou cazial pobre
 Todos lustravam com fatal grandeza ,
 Pois todos em lustrar , qual mais te preza :
 O triste horror da noite se escondia ;
 Vendo estar feita a noite hum claro dia ;

Tan.

Tantas eram as luzes , e tam belas ,
 Que parecia hum Cœo cheio de estrelas ;
 Em fim tanto explendor a Corte encerra
 Que parecia estava o Cœo na terra.
 Quando a vista em tal ver se recreava ,
 Outro objēto os ouvidos me ocupava ;
 Para escutar os aplicava atentos ,
 E ouvia huns suaves instrumentos ,
 Ajustados com vozes nui sonoras ;
 Ouves tu , quando entoam as pastoras
 A doce cantilena em vós sutil
 Ao som da nosa flauta , e do rabil
 Que para nós nam há melhor folia ;
 Pois esta , que te digo , lhe excedia
 Tanto , que talvez se a escutáses
 Nem mais da flauta , nem rabil uzases ;
 Porque quem logra o que he mais agradavel
 Tudo o mais lhe parece abominavel.
 Os Conventos , Ermidas , Freguezias
 Davam continuas mostras de alegrias ;
 E atè os mesmos finos , que tangiam
 Parece , que de gosto se partiam.
 Viam-se as náos no rio iluminadas ,
 E todas de bandeiras adornadas ,
 Dando salvas reaes continuamente ,
 Que em vez de susto davam gosto à gente.
 Finalmente da pompa , que ostentavam ,
 Atè os peixes julgo que pasmavam ;
 Nem pasmar o irracional he impossivel
 Do que pasmo fará ao insensivel.
 Todo o povo de alegre alvorasado
 Hum pelas ruas vai , outro embarcado ,

Formado em graves ternos com deescencia,
 Aplaudindo a formal magnificencia,
 De que a terra se veste, e o mar se cobre
 Mas indecizo, e absorto nam descobre
 (Vendo brilhante a hum, outro luzido)
 Qual seja o vencedor, qual o vencido.
 Alim em toda a Corte nam se ouvia
 Mais que vozes nascidas de alegria,
 Com que todos de jubilo se enchiam
 Dizendo: e eu ouvi, que alguns diziam;
 Que só com hum sucelo tam ditozo
 Podia Portugal ser venturozo.
 Eu de ouvir, e de ver vozes, e objétoz,
 Brádando vivas, convidando afétoz,
 E indecizo as cauzas ignorando,
 De ouvir suspenso, de admirar pasmando;
 (Nam quiz o corasam que eu socegase
 Sem que a voz o motivo examinase:)
 Cheguei a hum cortezam, homem maduro,
 Jà cans brancas, mas sabio, a quem procura,
 Que a caula destas glorias me dicese:
 Olha-me o Venerando, e pois conhece
 Em mim a natural sinceridade,
 Responde-me com vozes de amizade.

Sabe, homem, que Deos tem ao mundo dado
 Aquele jà de nós tam dezjado,
 Aquele, que ainda antes de nascido
 Jà era respeitado, e bem temido:
 E hoje os barbaros, de quem outros tremem,
 Inda em menino por gigante o temem.
 Em fim jà he nascido o noollo Augusto,

Ja

Já Portugal respira sem ter susio;
 Já desterra o temor, despe o cuidado,
 Pois tem já sucesam o seu reinado.

 Dise o discreto, e com risonho gesto
 Fazendo-me hum cortejo manifesto
 Se auzentou. Eu fiquei de ouvi-lo absuito;
 Mas logo que o prazer me deo conforto,
 Tornei a renascer; e em tal portento,
 Concebendo nova alma, e novo alento,
 As mãos erguendo ao Céo, lhe dei louvores,
 Por nos mandar favor sobre favores.

Dezejei entam ser aguia ligera
 Para logo trazer-vos à carreira
 Esta nova feliz; mas nam podia
 Vir sem me demorar, se quer hum dia;
 Porque a necesidade, he que entam pude
 Saber, quanto inimiga che da virtude.
 Mas tanto que findei a triste lida,
 Sem fazer mais demoras na partida,
 Da Corte me auzentei, com tal fadiga,
 Que explicá-lo nam sei, basta que o diga
 O cansaso, que trago da jornada,
 Queinda foi mais que a hida abreviada.
 Pondéra, Ambrozio, agora se em verdade
 Há para nós igual felicidade,
 Que dar-nos Deos hum Príncipe primeiro,
 Do Reino sucesor, da Crôa herdeiro.

Ambroz. Ah Julio, Julio amigo, quem diria,
 Que Deos tanto de nós se lembraria!

A tempo, em que nos homens depravados
 Creícem as culpas, dobrar-se os pecados ;
 Mas Deus inda ofendido, e poderoso
 Sempre nos quer mostrar quanto he piedoso.
 Agora, Julio meu, para explicar-te
 O júbilo, que sinto de escutar-te,
 Faltam-me as vozes, sobra-me o desejo ;
 Pois assustado de te ouvir me vejo ;
 Porque huna grande nova, inda que justa,
 Se de repente vem, tambem assusta ;
 Porém meu coração, em gosto tanto,
 Se está disposto a converter-se em pranto,
 Para sahir em lagrimas desfeito,
 Porque nam cabe já dentro no peito,
 Que o prazer, que em mim sinto he tam átivo,
 Que limite nam tem por excessivo.
 Tu, Julio, por anuncio bom tomaste
 As estranhas bonaçãs, que encontráste
 Na jornada ; tambem eu admirado
 Vi, que huma grande parte do meu gado
 De ronha, e de magreira se mirrava,
 E agora de repente melhorava,
 E tanto está já todo bem nutrido,
 Que entre os mais o meu gado he conhecido ;
 Talvez fose isto anuncio, e claro indicio,
 Que o Céo nos dese dese beneficio.

Jul. Seria sim, Ambrozio ; mas agora
 Só devemos cuidar sem mais demóra
 Em festejar o Régio nascimento
 Com provas do maior contentamento.

Am.

Ambroz. Sim Julio, sim; aprovo que assim seja;
Porque he justo tambem que em nós se veja,
Que imitamos da Côrte aos moradores,
Como polídos nam, como pastores.

Jul. Poremos luminarias nas cabanas;
Do noso monte todas as Serranas
Convidaremos, que ham de vir goztosas,
Que algumas em cantar sam primorosas;
Virá Sylvio, Gonsalo, Almeno, e Bento;
Qualquer deles trará seu instrumento;
Virá tambem Alberto, e mais Filena,
Que ambos no dezafio ao som da avena
Sam tam armoniozos cantadores,
Que entre todos os bons sam os melhores.
Assim lá no arraial da freguezia
Concertaremos a melhor folia
De canto, e dança, de carreira, e luta;
E ao depois que o folgado se executa,
Todos em rancho ao meu caçal hiremos
E entam do que Deos dér lá comeremos;
Senam poder ser voda com grandeza
Será quanto couber nesta pobreza.
Mas tu, Ambrozio, que és ajuizado,
Dize se te parece isto acertado.

Ambroz. He tam justa, e louvavel esa idéa
Que, sendo assim, dará brado n'aldéa;
Se tu me dás licença, Julio amigo,
Para o gasto fazer tambem me obrigo,
Se bem que pobre sou: venda-se o gado,
Se acaso nam bastar; Surram, cajado,

O pelico ; a choupana ; isto me preza :
Quem tem brio ama a honra , e os bens despreza.

Jul. Nam , Ambrozio ; agradeço , que eu só basto ,
Para fazer das festas todo o gasto ,
Nesa oferta conheço , pois me animas ;
Que és fiel , tens àsoens , e a honra estimas .
Permitte agora , Ambrozio , que eu me auzente
A levar esta nova a toda a gente
D'aldéa , e do lugar , pois sei que todos
Mostras daram de gosto por mil modos .
Domingo he que hade ser da festa o dia ,
De vós todos espero a companhia ;
E assim ficai , que eu vou-me porque he tarde
A Deos tè à primeira ; o Ceo vos guarde .

Amb. A Deos amigo ; a Deos amigo honrado
Humble és , pastor sim , mas bem creado ;
Eu tambem já te sigo , e o gado levo
Pois no campo ficar já nam me atrevo ;
Tambem quero aos cazaes da minha herdade
Alvisaras ganhar da novidade .
Vamos todos folgar em melhor áto ,
Demos por hoje fim ao tosco trato ;
Que a parte deste dia , que nos résta
De trabalho nam he , he só de festa .
A Primavera venha , e borde os montes ,
Cantem os rouxinóes , riam-se as fontes ,
Murmure alegre a planta , o pasto cresca ,
O Téjo pasme , o mar nam se infuresca ,
Nam sopre o rijo vento , o Sol nam queime ,
O fruto vingue , o gado em viver teime ,

Todo

Todo o insensível , todo o que he vivente
Logre bens , tenha paz , feliz se aumente ,
E a fama em divulgar o raro espanto
Rompa a voz , toque a tuba , alterne o canto .

F I M.



LISBOA,

Na Officina Patriarcal de Engenho Luso Americano

M DCC LXXX

Com o tempo, confidem

Todo o que é inesquecível, todo o que é de vida
Todas as peças, todas as basas, todas as armas
Todas as casas em que viveremos o resto da vida
Roupa nova, todos os dias, sempre o mesmo

Fol. Nam, Amílcar, agradeço, que eu fô halle,
Para fazer das tuas fôrmas galto,
Nesa oferta bonita, tua alma anima,
Que és feli e tem deuses, tua bondade estima



Amo
Eu também já te amo, e o peço fevo
Pois no campo não te vi nem me atrevo;
Também quero amar-te, mas minha herdada
Alviferas gothas, que nos dão
Vamos todos juntos em melhor âto,
Demos prazer-nos, e ao tanto praco;
Que a parte defenda, que nos resta
De trabalho na terra, heito de falso.
A Primavera vênia e bende os montes,
Cantem os gouxinhos, cante os andantes,
Moimare alheira e plantas, o pântano crece,
O Tejo rafae, o mar tem as infusas,
Nun copre o tijo vento, o sol tem quente,
O fundo mar che, o dia o que nôr teme;

Todo